

CONGRESSO DE LUSITANISTAS

HELDER MACEDO, PRESIDENTE CESSANTE DA A.I.L.

O centro da lusofonia está no seu exercício

MARGARIDA RIBEIRO

De 8 a 13 de Agosto, decorreu no Rio de Janeiro, o 6º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) que reuniu mais de seiscentos participantes, contando com a contribuição de especialistas das áreas de literaturas, língua, história e culturas dos países lusófonos. A adesão entusiástica de lusitanistas oriundos dos cinco continentes — que superou as expectativas da organização — comprovou a projecção e a vitalidade dos estudos lusófonos no mundo. A exemplar organização do congresso esteve a cargo das profs. Gilda Santos, Laura Cavalcante Padilha e Teresa Cristina Cerdeira da Silva, sob coordenação da ilustre e muito aclamada prof. Cleonice Berardinelli, num trabalho conjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, com o imprescindível apoio do secretário-geral da AIL, prof. Sebastião Pinho, da Universidade de Coimbra, e do próprio presidente, Helder Macedo, da Universidade de Londres.

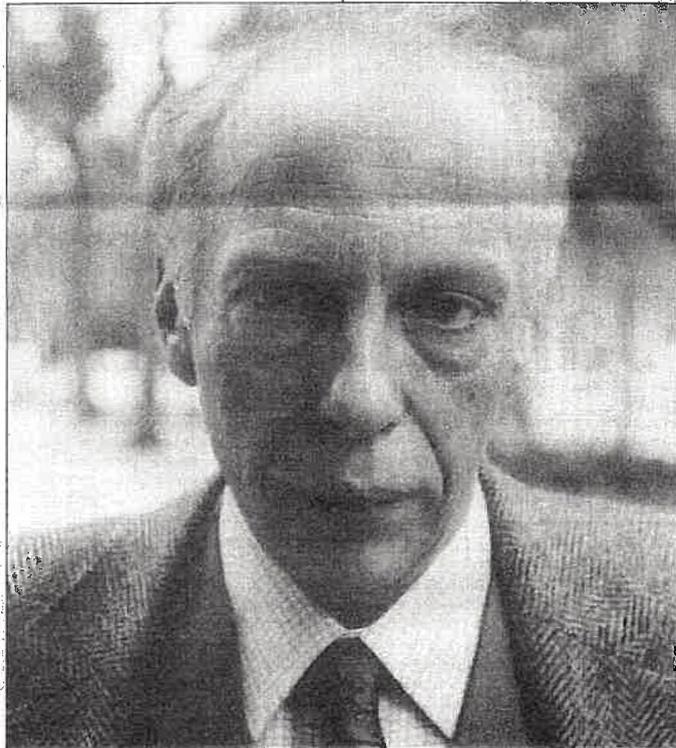
Além da apresentação de cerca de seiscentas comunicações, as sessões plenárias contaram com a presença de nomes tão destacados como, na ensaística, os prémios Camões Eduardo Lourenço e António Cândido, Boaventura Sousa Santos, Carlos Reis, Leyla Perrone-Moisés, Luciana Stegagno Picchio, Michel Laban, Russell Hamilton, João Adolfo Hansen; o fotógrafo Sebastião Salgado; linguistas como Armando Lopes, de Moçambique, e Solange Parvaux, de França, e os escritores Afonso Romano de Sant'Anna, Ana Paula Tavares, Ernesto Melo e Castro, Ferreira Gullar, João Ubaldo Ribeiro, José Saramago, Lídia Jorge, Luis Carlos Patraquim, Luis Filipe Castro Mendes, Nélida Piñon, Pepetela, Rui Rasquilho, Virgílio de Lemos. No Rio de Janeiro, o JL entrevistou Helder Macedo no final do seu segundo e último mandato como presidente da AIL que culminou com este gigantesco congresso e o lançamento da revista da AIL, *Veredas*.

Jornal de Letras — A observação imediata a registar é a extraordinária dimensão deste congresso e a irreprensível competência da sua organização. Que leitura faz desta imensa festa dos estudos lusófonos?

Helder Macedo — Os congressos da AIL têm vindo a crescer em qualidade e quantidade. O congresso em Hamburgo, há seis anos, foi importante. O de Oxford, há três anos, ainda mais. E este, no Rio de Janeiro, de facto ultrapassou tudo quanto se poderia esperar. Acho aliás que só no Brasil poderia ter havido tal festa. Mas não só a localização foi importante, também a circunstância de se ter inserido entre a Bienal do Livro e o início das comemorações, daqui a poucos meses, dos quinhentos anos do

Brasil. A dimensão literária que de algum modo continuou a Bienal, ficou manifestada na participação activa de alguns dos nomes mais notáveis das nossas literaturas. Mas a outra dimensão, mais ampla, e de algum modo política no sentido cultural do termo, está indicada no facto de, logo na primeira sessão, coordenada por José Saramago e com a participação de Sebastião Salgado, Boaventura Sousa Santos ter lidado brilhantemente com a temática que

guas e outras culturas, mas na sua actividade profissional pertencem ao vasto corpo cultural definido pela lusofonia. E disto mesmo deriva a importância fundamental de a AIL não pertencer a nenhuma nação, a nenhum país, nem de estar a executar a política cultural de qualquer governo específico. Nós somos os executores activos de uma política cultural global da lusofonia e por isso podemos beneficiar das diversas políticas culturais nacionais desenvolvidas



HELDER MACEDO: «A CULTURA É FEITA POR PESSOAS DE CARNE E OSSO, NÃO É APENAS AQUILO QUE É ESTUDADO NOS LIVROS».

de um modo ou de outro afecta todos os países da lusofonia — *Colonialismo, Pós-Colonialismo, Culturas de Periferia*. O próprio conceito de periferia pressupõe uma perspectiva que coloca o centro fora de nós. O que este congresso procurou afirmar e julgo que demonstrou é que as diversas culturas de língua portuguesa criam um território cultural; cujo centro está no seu próprio exercício activo. E repare, a AIL tem membros de 35 países. Ou seja, 28 dos países onde temos membros activos ensinando nas respectivas universidades nacionais, trabalham no contexto de outras lí-

para o mesmo propósito e colaborar com as suas manifestações mais abrangentes e positivas. O melhor exemplo disto é o protocolo que temos com o Instituto Camões em Portugal. E julgo que o mesmo espírito ficou manifestado no facto de na sessão inaugural termos tido representantes, ao mais alto nível, de vários países começando com as representações dos Presidentes de Portugal e do Brasil, que assim nos deram o seu aval.

JL — Considera auspicioso o facto de o Presidente da República Portuguesa ter-se

feito representar por um escritor?

H.M. — Mais do que auspicioso, julgo ter sido um acto de política cultural extremamente importante. Como aliás acentuei na minha alocução de abertura, ao ter-se feito representar na pessoa de José Saramago — do escritor e do cidadão José Saramago —, o Presidente da República de Portugal não poderia ter simbolizado de forma mais eloquente a universalidade das diversas culturas da nossa língua comum reunidas neste congresso de convergentes pluralidades.

JL — A presença de escritores de vários países de língua portuguesa ilustra a importância do diálogo entre as culturas lusófonas. Qual foi na sua opinião a contribuição das mesas redondas com os escritores?

H.M. — Diálogo: Convergências e divergências. Além de demonstrar no contexto de um congresso inter-universitário que a cultura é feita por pessoas de carne e osso, não é apenas aquilo que é estudado nos livros. Ora essa demonstração é também um acto de política cultural.

JL — A situação de Timor foi objecto de reflexão logo no seu discurso de abertura oficial do Congresso. E também, muito explicitamente, na mensagem enviada pelo Presidente da República de Portugal e lida por José Saramago. Isso não é um acto político? Que importância tem ou pensa que virá a ter a declaração que saiu deste congresso?

H.M. — É um acto de política cultural. A cultura nunca pode deixar de ser política. O que estaria errado seria submeter a cultura à política. Mas se a política ficasse ou fosse submetida à cultura talvez se evitassem metade das guerras que por aí andam a esfacelar a humanidade. Como sabe, tínhamos convidado o Bispo de Timor, D. Ximenes Belo, a vir participar na tal sessão que já mencionei — *Colonialismo, Pós-Colonialismo, Culturas de Periferia*. Ele aceitou mas não pode vir devido à situação no seu país. E também recebemos uma mensagem desse outro herói timorense que com ele partilhou o Prémio Nobel da Paz, José Ramos Horta. O que Ramos Horta nos manifestou na sua mensagem foi o desejo de que Timor possa livremente escolher vir a tornar-se no oitavo país da lusofonia. Ora isto é cultural, não é? Quanto a essa declaração — que afirma como um imperativo moral que a vontade do povo de Timor seja democraticamente expressa e democraticamente respeitada — ela emanou do Congresso, tendo à cabeça o nome de José Saramago, Prémio Nobel da Literatura, e também com a minha assinatura, enquanto presidente da AIL e das muitas centenas de participantes no congresso, escritores e universitários. Mas daqui partiu para todo o mundo, começando com o Parlamento Internacional dos Escritores, e, quero crer, que vai ser assinada

CONGRESSO DE LUSITANISTAS

por grandes nomes de outras línguas e culturas. Ou seja, partiu deste centro, que é a lusofonia, para o resto do mundo.

A REVISTA VEREDAS

JL — Foram múltiplas as actividades culturais realizadas ao longo do Congresso. Recordamos o recital de poesia de Maria do Céu Guerra, no Real Gabinete Português de Leitura, o lançamento de vários livros, os espectáculos. Quais aquelas que destacaria?

H.M. — A Maria do Céu foi a maravilha que é sempre. Quanto aos lançamentos, o mais importante foi, sem dúvida, a recém criada revista da AIL, *Veredas*. É a plataforma internacional que faltava para os estudos das culturas de língua portuguesa. Há revistas universitárias em Portugal, há revistas no Brasil, algumas na África lusófona. Os docentes das culturas lusófonas que trabalham nesses países mais ou menos têm onde publicar. O que até agora não havia era uma revista cuja vocação fosse não só a de publicar os estudos dos nativos das culturas da lusofonia mas também, juntamente com eles, os de outras línguas e culturas cuja área de actividade profissional é a das culturas lusófonas. Você está a ver: muitos dos nossos associados trabalham isolados quando não submersos em departamentos universitários, onde o português tem um estatuto subsidiário a outras disciplinas. A nossa revista será também a revista de deuses e deusas, a sua morada cultural natural. Pelas suas características internacionais, pelos leitores e colaboradores a que se dirige e que visa publicar, é uma revista única em língua portuguesa. E, já agora, acho que este é o momento oportuno de prestar homenagem à Fundação Eng^o António de Almeida que a tornou financeiramente possível.

Outro lançamento importante, feito no Real Gabinete Português de Leitura, foi o do bellissimo volume de ensaios *Escrever a Casa Portuguesa*, organizado por Jorge Fernandes Silveira. Mas houve mais alguns: de poesia, de ensaio e ficção, de portugueses, brasileiros e africanos.

JL — Este Congresso foi o último realizado sob a sua presidência. Que sonhos se cumpriram e quais os desafios que se colocam à nova direcção da AIL e, em particular, ao seu sucessor, Carlos Reis?

H.M. — Antes do meu abraço de despedida ao meu principal aliado e colaborador nestes últimos três anos, o Sebastião Pinho, disse-me um ao outro que podíamos estar satisfeitos com o que se tinha conseguido realizar. Ora, quando os sonhos se concretizam deixam de ser sonhos tornam-se realidades. E a AIL é agora uma realidade que não poderá ser ignorada no contexto cultural internacional. E para isso grandemente contribuiu este congresso coordenado pela admirável prof^a Cleonice Berardinelli e pelas suas colaboradoras profs. Gilda Santos, Laura Cavalcante Padilha e Teresa Cristina Cerdeira da Silva. Julgo que a AIL lhes ficará para sempre com

uma dívida de gratidão pela magnitude deste grande acontecimento cultural que foi o nosso 6^o Congresso. Quanto a Carlos Reis, só lhe posso dizer que sempre considerei que ele seria o meu sucessor natural na presidência da AIL e que fui eu quem propus a sua candidatura. Desejo-lhe, portanto, boa sorte, sabendo que ele saberá melhor do que ninguém contribuir para o continuado fortalecimento desta associação para a qual aliás já contribui activamente enquanto membro das duas direcções anteriores.

JL — A seguir ao encerramento oficial do Congresso foi concedido o doutoramento *honoris causa* ao escritor José Saramago pela Universidade Federal Fluminense. É significativo para a AIL que isso tenha acontecido?

H.M. — Sim, sem dúvida. Além de tudo o mais José Saramago hoje em dia é também um símbolo. A AIL associou-se publicamente à Universidade Federal Fluminense, que já havia decidido conceder esse grau a José Saramago, e a própria Universidade também nos quis associar ao acto de investidura. É tudo parte do espírito de colaboração activa que se gerou entre nós e para o qual sem dúvida a figura carismática de José Saramago, que é tão assumido no Brasil quanto em Portugal como uma espécie de embaixador cultural de todos nós, tanto contribuiu. E como sabe, a AIL também quis honrar publicamente José Saramago, a quem elegeu por aclamação sócio honorário. É uma nova categoria, criada neste congresso, e os dois primeiros sócios honorários da AIL — por enquanto não há mais — são José Saramago e António Cândido: um romancista português e um crítico brasileiro.

JL — Além de ter vindo cá por causa do congresso sei que

veio também para o lançamento da edição brasileira do seu romance *Partes de África*, que aliás não mencionou nos lançamentos que ocorreram no Brasil.

H.M. — Bom, sim. Mas só agora que me «desfardiei» de presidente poderei pensar nisso um pouco. Vou ficar mais uma semana no Brasil colaborando com a minha editora, a Record, no lançamento desse livro. E acho bom sinal que, três meses depois de ter publicado o romance *Pedro e Paula*, a Record tenha decidido publicar este romance anterior. E não só pelo interesse activo que isto revela em mim enquanto escritor, mas também como sintoma de que os brasileiros parecem mesmo dispostos a apostar na literatura portuguesa no Brasil. O que aliás já acontecia nas universidades, como este congresso tão amplamente demonstrou, já que algumas das melhores comunicações sobre a actual literatura portuguesa foram feitas por brasileiros, incluindo alguns jovens investigadores lado a lado com os especialistas já mais amplamente reconhecidos — portugueses, brasileiros, franceses, italianos, ingleses, o mundo.

*Com Paulo Pacheco, no Rio de Janeiro

L

LIVROS de sempre



INSTITUTO PIAGET
DIVISÃO EDITORIAL

A AVENTURA DOS NEURÓNIOS

Existirá algo mais fascinante do que pôr os nossos neurónios a funcionar... sobre a sua própria história? Uma verdadeira aventura!



Preço: 3200\$00

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO

«Sonhamos com viagens através do Universo, mas não estará ele confido em nós? Ignoramos as regiões profundas do nosso espírito.»



Preço: 3200\$00



Preço: 4500\$00

A PRESENÇA DO PASSADO

«É tão admirável que obriga o leitor a sublinhar as palavras e a tomar notas à margem.»

Washington Post



Preço: 2700\$00

O JUSTO OU A ESSÊNCIA DA JUSTIÇA

O olhar diferente de Paul Ricoeur sobre um tema tão polémico como complexo.



Preço: 3800\$00

O BIG BANG DAS ORGANIZAÇÕES

«Best-seller» em França, esta obra pretende fazer a análise detalhada dasquelas organizações — empresas, administrações, cidades, regiões, sindicatos e estruturas políticas — que explodem no contacto com novas realidades.

PREÇOS ACRESCIDOS DE 5% DE IVA

À VENDA NAS MELHORES LIVRARIAS

INSTITUTO PIAGET/DIVISÃO EDITORIAL
Largo da Madre Deus, 9 - 1900-311 Lisboa
Tel.: 862 05 00 • Fax: 868 82 77
PEÇA INFORMAÇÕES E CATÁLOGOS PARA:
R. D. Afonso Henriques, 32-1.º dt.º - 2695-011 Raboada IBS
Tel. 995 95 20 • Fax 955 34 75
E-mail: piaget.editora@mail.telepac.pt
www.ipiaget.pt

20 ANOS
INSTITUTO PIAGET
1979 - 1999